

**Religião e Identidade no discurso historiográfico do IV século:
Eusébio de Cesaréia e Amiano Marcelino**

Marcus Silva da Cruz*

**Religious and Identity in the historical speech of the IV century:
Eusebius of Cesareia and Ammianus Marcelinus**

Abstract: The in IV century is a very important period from roman world. The Christian religion to take over a great importance in the society after the conversion of the roman emperors, a lot of members to elite and population large quantity. However, this appearance not mean the desapear of pagan religion. In this paper we examine the relation between religious and identity in the IV century use the pagan's historical speech (Ammianus Marcellinus) and christian's historical speech (Eusebius of Cesareia).

Palavras-chave; Identidade – Religião – Antiguidade Tardia

Keywords: Identity – Religious – Late Antiquity

O que é ser cristão? Robert Markus no seu livro **The end of Ancient Christianity** procura responder a esta questão entre o final do IV século e início do V. Entendemos, no entanto que a problemática do autor esta incompleta, uma vez que não basta nos perguntarmos acerca da identidade cristã, mas também devemos refletir acerca da identidade pagã, ou seja *O que é ser pagão?*

Esta análise será realizada a partir do discurso historiográfico de dois dos mais importantes historiadores do período, a saber Eusébio de Cesaréia e Amiano Marcelino. A escolha deste *corpus* documental se justifica não apenas pelo lugar ocupado pelos autores e de suas obras no contexto social e cultural do IV século, mas também e, principalmente, por considerarmos que o discurso historiográfico é um *locus* privilegiado para a estabelecimento das identidades na medida que desempenha um papel fundamental no processo de construção da memória social.

No presente trabalho nosso objetivo é refletir sobre a identidade pagã e cristã ao longo do IV século, momento em que observamos profundas transformações das partilhas

* Universidade Federal de Mato Grosso. Doutor.

identitárias que até então caracterizavam a sociedade antiga, mudanças essas que apontam para a constituição do mundo medieval.

Mas de que transformação estamos falando? Observamos a partir do IV século o deslocamento da partilha identitária que caracteriza o mundo antigo. Isto é, o campo da alteridade na Antiguidade, tanto grega quanto romana, estava baseada na dicotomia grego/romano-bárbaro. Neste sentido a identidade se constrói a partir de um critério cultural, da idéia de Paidéia.(HARTOG,2004)

A partilha identitária grego/romano-bárbaro possui uma longa tradição cujos fundamentos podemos encontrar nas **Histórias** de Heródoto, no entanto essa identidade, diante das novas condições e configurações sociais, política e culturais do mundo mediterrâneo a partir do IV século, não se apresenta mais como operacional, sendo substituída por outra que possui como elemento constituinte da partilha identitária a religião, a partir da alteridade fiel-infiel.

A construção das identidades no mundo tardo romano a partir da religião pode ser explicado a partir da observação acerca da importância crescente que as questões de cunho religioso assume nesta sociedade, como podemos perceber na seguinte passagem de Gregório de Nissa:

A cidade está cheia de gente, que dizem coisas inteligíveis e incompreensíveis pelas ruas, mercados, praças e cruzamentos. Quando vou a tenda e pergunto quanto tenho que pagar, me respondem, com um discurso sobre o Filho engendrado ou não do Pai. Quando pergunto em uma padaria pelo preço do pão, me responde o padeiro que, sem lugar a dúvidas o Pai é maior que o Filho. Quando pergunto nas termas se posso tomar um banho, tenta demonstra-me o banhador que com toda a certeza o Filho surgiu do nada(GREGÓRIO DE NISSA,1863:558)

A passagem acima de Gregório de Nissa mostra, em primeiro lugar, que as discussões religiosas, e no caso podemos dizer teológicas, não estavam restritas a uma escola de intelectuais, mas eram debatidas pelo homem comum, nas ruas, como uma atividade cotidiana e principalmente como uma questão palpitante e polêmica, sobre a qual todos deveriam se posicionar. Na verdade a religião fornece para este momento uma linguagem para as discussões e debates muito elaborada e acessível a todos.

Seria errôneo pensar que esta preocupação com as questões religiosas fosse exclusiva dos cristãos. Os pagãos compartilhavam das mesmas preocupações, pois o ambiente religioso era idêntico para ambos os grupos como afirma Henri Marrou: “(...) la diferencia entre paganos y cristianos de la Antigüedad Tardia estava en la verdad de sus respectivas elecciones, pero hay coincidencias en la actitud ante la concepción general de la vida, del hombre y del mundo.”(MARROU, 1980:45)

Observamos, a partir do IV século, um crescimento significativo, entre pagãos e entre os cristãos, de discussões e preocupações de ordem religiosa. As duas comunidades procuram, por exemplo, explicar e explicitar seus conceitos de divindade tanto para o seu público interno quanto para seus respectivos adversários.(FRAKES; DIGESER,2006: 7)

Por outro lado, a adoção da religião como linguagem comum para pagãos e cristãos na construção das suas identidade significa dizer que as duas comunidades absorveram ideais mutuamente e definiram quem eram em oposição a este outro. A noção, portanto, de identidade é construída por pagãos e cristãos em um contexto em que vários grupos interagem e competem entre si, aprendendo uns com os outros.

Isto significa dizer que a construção da identidade pagã e da identidade cristã é resultado de um amplo processo de negociação e renegociação que emergem dos conflitos social que marcam o mundo tardo romano.(SCHOTT, 2008:9).

Passemos, então, a analisar a questão da construção da identidade cristã no discurso historiográfico de Eusébio de Cesaréia. Embora as obras deste autor possuam uma abrangência bastante grande, incluindo textos exegéticos, teológicos e apologéticos, é como historiador que Eusébio é fundamentalmente reconhecido, principalmente por ter estabelecido um novo campo historiográfico, a saber o da história eclesiástica.

A **História Eclesiástica** de Eusébio de Cesaréia se insere em um momento particularmente especial no que concerne a construção da identidade cristã. Escrita no primeiras décadas do IV século, em um momento em que a comunidade cristã deixava a condição de *religio illicita*, recentemente perseguida durante o reinado de Diocleciano, para obter a liberdade de culto com os éditos de 311 e 313 e principalmente o favorecimento e a proteção estatal durante o governo de Constantino.(VEYNE, 2007).

Em termos da sua identidade a liberdade de culto e o favorecimento advindo com a conversão de Constantino colocava sérios problemas aos cristãos, uma vez que aquela era construída em oposição a elite dominante pagã, tendo como núcleo identitário a perseguição e o martírio, ou seja o ser cristão se cristalizava e se consubstanciava no enfrentamento com o pagão perseguidor e no fortalecimento da fé diante do suplício.(FRAKES, 2006:9).

Podemos notar a importância do martírio na identidade cristã ao percebermos que Eusébio além de dedicar todo o Livro 8 da **História Eclesiástica** a perseguição de Diocleciano, ainda encontramos mais 20 capítulos nos demais livros da obra em que o autor aborda a perseguição e o martírio.

No primeiro relato de martírio que encontramos na **História Eclesiástica**, o de Tiago podemos perceber a relação entre martírio, fé e ser cristão.

Naquele mesmo tempo – sem dúvida sob Cláudio – começou o rei Herodes a maltratar alguns membros da Igreja. Mandou matar à espada Tiago, irmão de João. A respeito desse Tiago, Clemente traz, no sétimo livro das **Hypotyposes**, uma história memorável, conforme recebera da tradição de seus antecessores. Declara que aquele que o conduzira ao tribunal ficou comovido vendo-o testemunhar e confessou ser também ele cristão. Ambos, diz ele, foram levados ao suplício, e ao longo do caminho o delator pediu a Tiago que o perdoasse. Tiago refletiu um pouco e lhe disse: ‘A paz esteja contigo’; e o beijou. Os dois foram simultaneamente decapitados. (HE. II,9)

A passagem acima de Eusébio nos permite perceber que a perseguição e a possibilidade do martírio permite ao cristão exercitar e fortalecer a sua fé, que torna-se o elemento que o diferencia e o identifica diante do restante da sociedade.

Um segundo exemplo, nos parece ainda mais emblemático, de como a perseguição e o martírio assume um papel fundamental na construção da identidade cristã ao ponto de que quando a comunidade cristã vivencia um período de paz e tranqüilidade a própria coesão do grupo ficar ameaçado.

Mas, a inteira liberdade degenerou em relaxamento e descuido. Nós nos invejamos, injuriávamos mutuamente, e quando havia a oportunidade, pouco faltava para que nos combatêssemos com as armas, ou com as lanças das palavras; os chefes em desavença com os chefes, o povo contra o povo. A maldita hipocrisia e a dissimulação haviam atingido o mais alto grau de malícia. Então, como habitualmente, o juízo de Deus, que governava com suavidade e medida, era protelado (ainda se reuniam as assembleias). Foi entre os irmãos que pertenciam ao exército que começou a perseguição. (HE. VIII,1)

O trecho da **História Eclesiástica** é cristalino, sem a perseguição e o martírio, mas também sem o outro, sem a alteridade a comunidade cristã acabou se voltando contra si mesma. Pois bem, esta é a situação vivenciada pelo cristianismo no IV século sendo necessário construir uma nova identidade cristã que respondesse a questão de ser cristão em um momento tanto de triunfo e expansão do cristianismo quanto e principalmente do estabelecimento da aliança entre a Igreja e o estado romano ainda pagão.

Na perspectiva de pensar a construção da identidade que estamos utilizando neste trabalho um segundo conflito enfrentado pela comunidade cristã, apresenta-se como importante, no processo de estabelecimento de seus padrões identitários no IV século diz respeito à questão das heresias, tema também bastante abundante na **História Eclesiástica** de Eusébio.

O problema da heresia questiona a identidade cristã a partir do interior da própria comunidade. É um outro, um estrangeiro que está dentro das próprias fronteiras da Igreja. Como podemos perceber na descrição que Eusébio faz da heresia Ebionita: “Julgavam dever absolutamente observar a Lei, porque, em sua opinião, não se salvariam somente pela fé em Cristo e uma vida de acordo com a mesma fé... Não negavam que o Senhor nascera de uma virgem e do Espírito Santo” (HE. III,27)

A resposta de Eusébio ao desafio a identidade cristã representada pelas heresias é claro e inequívoco. É a sucessão apostólica, iniciada por um dos apóstolos, que garante a retidão da doutrina e da fé.

Não é fácil dizer quantos discípulos houve e quais se tornaram verdadeiramente zelosos a ponto de serem considerados capazes, depois de comprovados, de apascentar as Igrejas fundadas pelos apóstolos, exceto aqueles cujos nomes é possível recolher dos escritos de Paulo. (HE. III,4)

Podemos afirmar, portanto, que diante do desafio apresentado pelas heresias a identidade cristã a resposta de Eusébio foi de recorrer a tradição, a memória para marcar as diferenças entre os cristãos heréticos e os cristãos verdadeiros, ou seja aqueles que seguem a doutrina e a fé estabelecida pelos apóstolos.

No entanto, entendemos que o principal desafio enfrentado pela identidade cristã no IV século é aquele representado pela identidade pagã. Uma vez que os dois padrões identitários eram não apenas construídos a partir da *paidéia* grego-romana como também disputavam a condição de legítimos herdeiros dessa herança. Mesmo que esse legado.

Eusébio de Cesaréia na **Preparação Evangélica** coloca desta forma a questão da identidade cristã:

Nós somos... Helenos ou bárbaros – ou talvez estejamos entre os dois? E o que se pode dizer sobre o que nós somos...com respeito a natureza e a nossa maneira de vida? Eles nos percebem como não estando nem do lado dos helenos nem aspirando [o estilo] dos bárbaros. Que fazem esses estrangeiros entre nós e que caráter revolucionário possui nosso estilo de vida? (PE. I,2)

Esta passagem da obra de Eusébio de Cesaréia demonstra as dúvidas e indagações dos grupos de cristãos mais intelectualizados acerca da constituição da sua identidade. Especialmente quanto um elemento fundamental deste discurso identitário, a *paideia* greco-romana é reivindicada de modo exclusivo por grupos pagãos.

No entanto, apesar dessas dúvidas a construção da identidade cristã, ao longo do IV século, não apenas se apropriou da herança da *paidéia* grego-romana como também, e esse elemento é fundamental, a cristianizou. Uma figura emblemática desse processo é Orígenes, especialmente como ele é descrito por Eusébio:

Tão importante era para Orígenes o estudo muito acurado da Palavra de Deus, que aprendeu também a língua hebraica e adquiriu a posse de originais das Escrituras conservados entre os judeus, em caracteres hebraicos...Podem atestas seus êxitos nestas matérias os próprios filósofos gregos que floresceram em seu tempo, e cujos escritos encontramos menções numerosas de Orígenes...Efetivamente, Orígenes conservou-se fiel à doutrina de Cristo recebida dos antepassados... (HE,VI,16.1;19.1;19.8)

Eusébio faz de Orígenes um modelo identitário para o cristão especialmente aquele da elite intelectualizada, pois de um lado é um profundo conhecedor da *paidéia* grego-romana, por outro se dedica ao estudo das Escrituras, ou seja aplica seu conhecimentos para ampliar a compreensão da mensagem evangélica. Porém, e é importante frisar, a reflexão sobre o texto bíblico não conduz a heresia, porque Orígenes se mantém fiel a doutrina recebida pelos antepassados., se mantém fiel a tradição apostólica que garante, segundo Eusébio, a retidão da fé.

Desta forma a identidade cristã é reconstruída na era pós-martírio por meio tanto da apropriação da herança da *paidéia* grego-romana quanto pela incorporação e manutenção da tradição apostólica como garantia contra o perigo das heresias.

No entanto, não eram apenas os cristãos que reivindicavam o legado da *paidéia* grego-romana, os pagãos, em certo sentido como mais legitimidade também buscavam reconstruir sua identidade a partir de uma releitura de caráter religioso da cultura antiga. É o que podemos observar na obra de Amiano Marcelino.

A maior parte da historiografia considera Amiano Marcelino como um autor avesso ao fanatismo religioso e também a qualquer tipo de excesso, ou seja um pagão moderado e tolerante, que acreditava fortemente na condescendência e no respeito a comunidade cristã, mesmo que eventualmente critique a conduta individual de cristãos ou da Igreja como um todo. Tomemos, apenas como exemplo desta interpretação nas palavras de Maria Luisa Harto Trujillo que assina a recente tradução da **Res Gestæ** para o espanhol: “De esta forma, observamos que La cuestión religiosa está siempre presente em las **Res Gestæ**, y que La actitud de Amiano, si bien puede calificarse de pagana, sin embargo, está marcada por la tolerância.”(HARTO TRUJILLO, 2002:27)

Em nossa análise discordamos de tal postura, Amiano Marcelino estabelece um diálogo tenso com o cristianismo, se valendo de recursos literários como a ironia e o exagero para atacar a comunidade cristã.(BARNES,1998:74-94) Em suma, o autor da **Res Gestæ** não é um pagão tolerante, mas sim um homem sagaz que percebe a importância política e social que a Igreja assumiu na segunda metade do IV século e busca instrumentos refinados para expressar a sua posição.

Amiano Marcelino descreve a si mesmo como *Miles quondam et Græcus*, isto é militar e grego. A questão é o que devemos entender pela palavra *Græcus*? Quando utiliza a palavra latina *Græcus*, Amiano Marcelino tinha em mente o vocábulo grego Heleno, ora o uso de tal termo significa que ele se entende como culturalmente grego, apesar de escrever em latim. Mas, o que é mais fundamental, e nos interessa particularmente, na segunda metade do IV

século a palavra passa a ser entendida como uma forma específica de paganismo, especialmente hostil em relação ao cristianismo, como podemos perceber na **Vida dos Filósofos e Sofistas** de Eunápio.

Em suma, Amiano Marcelino quando se auto identifica o faz como um pagão tanto em termos culturais quanto religiosos, e mais importante um pagão hostil ao cristianismo.

Essa hostilidade em relação ao cristianismo pode ser percebida na deliberada marginalização da participação da comunidade cristã na política do IV século. Tomemos como exemplo dessa omissão a narração de Amiano Marcelino acerca a disputa entre romanos e persas do Reino da Armênia (Livro 27,12). A grande questão da política interna da Armênia por volta de 370 é luta entre o rei Pap e o cristão Nerses, o primeiro hostil a Roma acabou por assassinar o rival pro-romano. Ora bem a **Res Gestæ** simplesmente silencia sobre a questão.

Outro exemplo significativo é a introdução absolutamente abrupta do bispo de Alexandria Atanásio, citemos a **Res Gestæ**:

Atanásio, bispo de Alexandria naquela época, que se excedia em suas atribuições e tentava manejar outros temas, segundo contínuos rumores, foi destituído do cargo que ocupava por uma assembléia de partidários de sua religião, um sínodo creio que o chamam (Res Gestæ 15.7.7)

É impensável imaginar que Amiano Marcelino desconhecia a carreira eclesiástica de Atanásio de Alexandria e de como este foi protagonista central de graves e importantes acontecimentos políticos na corte imperial de Constancio. Portanto, essas omissões são propositalis, um escolha do autor com o objetivo de marginalizar e minimizar a importância do cristianismo.

Amiano Marcelino, por outro lado é um mestre as ironia especialmente em relação ao cristianismo, um exemplo disto é a descrição da entrevista secreta entre o bispo de Bezabde e o rei persa Shapur:

“Entretanto, se espalhou a suspeita, vã segundo creio, ainda que divulgada por uma multidão, de que o bispo havia informado secretamente a Shapur acerca de que parte das muralhas podia ser atacadas por serem frágeis e acessíveis do exterior. O certo é que a suspeita pareceu ter fundamento, porque, depois, lugares pouco seguros e que começavam a desmoronar foram atacadas com premeditação e com fúria atroz pelas máquinas de guerras inimigas, como se seus líderes conhecessem os acessos.”(Res Gestæ 20.7.9).

Amiano Marcelino escreve sua obra uma geração após os acontecimentos acima citados, em outra parte do mundo romano, poderia muito bem ter omitido os rumores, mas que ele deliberadamente cita. Essa escolha de nosso autor encontra eco na prática tacitedeana de

utilizar os boatos como uma forma de sugerir condutas condenáveis sem no entanto assumir a responsabilidade pela informação.

Amiano Marcelino na passagem que estamos analisando vai progressivamente insinuando que os rumores são verdadeiros. Primeiro ele nega, não crê pessoalmente que os boatos sejam dignos de confiança, porém muitos acreditam neles. Depois sugere que são fidedignos pois os acontecimentos o tornam plausíveis. O objetivo do autor da *Res Gestæ* é claro, ou seja, os cristãos são intrinsicamente antipatriotas, não são romanos.

Em suma, podemos afirmar que Amiano Marcelino utilizasse de dois tipos de estratégias para atacar o cristianismo. Por um lado, procura ignorar o papel central que a comunidade cristã assume no mundo romano tardo antigo ao longo do IV século e por outro, devido à importância política e social do cristianismo, busca atacá-lo utilizando-se de recursos literários e historiográficos refinados e apropriados da *paidéia* grego-romana.

Desta forma entendemos que Amiano Marcelino em sua obra busca construir uma identidade pagã que possui como campo de alteridade o cristianismo. Uma identidade pagã que assume o legado da *paidéia* grego-romana como sendo exclusivamente seu, como forma de marcar sua diferença e diversidade em relação a identidade cristã.

Para concluir podemos afirmar que a produção dos discursos identitários tanto pagão quanto cristão participam de um amplo processo de trocas e intercâmbios sendo produtos de constantes negociações e ressignificações resultantes dos conflitos inerentes a sociedade tardo romana. No centro deste processo encontra-se por um lado o espólio da *paidéia* greco-romana que ambos procuram se apropriar, de a utilização da religião como linguagem comum na construção da identidade pagã e da identidade cristã.

Referencias Bibliográficas

AMIANO MARCELINO. *Historia*. Edição de Maria Luisa Harto Trujillo. Barcelona: Akal, 2002.

AMMIANUS MARCELLINUS. *History*. Tradução de John C. Rolfe. Cambridge:London: Harvard University Press, 2005. 3v

BARNES, T.D. *Ammianus Marcellinus and the historical reality*. Ithaca:London: Cornell University Press, 1998.

DIGESER, E.D.P. **Christian or hellene? The great persecution and the problem of identity** IN FRAKES, R.M. e DIGESER, E.D.P. (ed). *Religious identity in Late Antiquity*. Toronto: Edgar Kent Publishers, 2006. p.35-58.

EUSEBIO DE CESAREIA. *The Ecclesiastical History*. Cambridge MA: Harvard University Press, 1959. 2v

EUSEBIO DE CESAREIA. *Præparatio evangelica*. Berlim: Akademie Verlag, 1954-56. 2v

FRAKES, R.M. e DIGESER, E.D.P. (ed). *Religious identity in Late Antiquity*. Toronto: Edgar Kent Publishers, 2006.

HARTOG, F. *Memória de Ulisses. Narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

JAEGER, W. *Cristianismo primitivo y paidéia griega*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1965.

MARROU, H. I. *Decadência romana o Antigüedad Tardia*. Madrid: Rialp, 1980.

SCHOTT, J.M. *Christianity, Empire end the making or religion in Late Antiquity*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2008.

VEYNE, P. *Quand notre monde est devenu chrétien (312-394)*. Paris: Albin Michel, 2007.